

## **O Jornalismo Ambiental na Amazônia: Narrativas, Desafios e Possibilidades no Contexto da COP 30<sup>1</sup>**

Lícia Mara Oliveira<sup>2</sup>

Thiago Almeida Barros<sup>3</sup>

Universidade da Amazônia – UNAMA

### **RESUMO**

O estudo analisa diferentes narrativas midiáticas e suas influências na percepção sobre a Amazônia, com foco na realização da COP 30 em Belém. A pesquisa investiga de que maneira a imprensa constrói discursos antagônicos sobre a região, influenciando políticas públicas e interesses geopolíticos. O objetivo é examinar a relação entre mídia, desinformação e disputa territorial, considerando impactos relacionados à visibilidade internacional da Amazônia. A partir de um estudo de revisão, a análise contribuiu para uma reflexão crítica sobre o papel da imprensa na agenda ambiental, enfatizando a necessidade de um jornalismo comprometido com a realidade amazônica e seus povos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; Meio ambiente; Amazônia; COP 30; Narrativas.

### **INTRODUÇÃO**

O amazônida paraense, originário do extremo norte do Brasil, tem em Belém sua capital, conhecida como a "Cidade das Mangueiras". O Estado do Pará desperta grande interesse por integrar a Amazônia, uma região que, ao longo da história, tem sido envolta em uma aura de mistério e fascínio inigualáveis. Nenhuma outra localidade no mundo reuniu, até o presente, um conjunto tão contraditório de mitos e simbolismos. Ainda que algumas regiões sejam consideradas sagradas ou idealizadas como paraísos terrestres, a Amazônia se destaca por sua dimensão mágica e cósmica, cuja grandiosidade e exuberância convivem, paradoxalmente, com a violência e as agressões que historicamente a marcaram.

Historicamente a Amazônia foi considerada relevante por sua exuberante biodiversidade. Além dessa característica, sua posição geopolítica estratégica revela outra face desta riqueza. As ambições internacionais sobre a região, revelam-se através do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Meio Ambiente, Questões Políticas e Narrativas da Amazonia, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia – UNAMA.

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia – UNAMA.

interesse global por seus recursos naturais que a tornam um espaço de constantes disputas territoriais.

Diante da relevância global da Amazônia, diversas narrativas são propagadas, muitas delas baseadas em premissas equivocadas, como a ideia de que a floresta seria o "pulmão do planeta". Esse argumento, no entanto, não se sustenta, uma vez que a principal fonte de oxigênio do planeta provém dos oceanos. A perpetuação dessa teoria contribui para manter a atenção internacional voltada para a região, sob a justificativa de que é um dever coletivo protegê-la, integrá-la e até mesmo “civilizá-la”. No entanto, por trás desse discurso, o que se evidencia é um jogo de interesses marcado por dissimulação, por cobiça e pelo controle dos recursos amazônicos. A defesa da ecologia, muitas vezes, é utilizada como pretexto para legitimar intervenções externas, contando, inclusive, com a conivência de cientistas nacionais e estrangeiros (Cocuzza, 1992).

## **METODOLOGIA**

O texto adota uma abordagem qualitativa e descritiva, baseada em um estudo de revisão e análise crítica, para examinar as diferentes narrativas sobre a Amazônia na mídia e no cenário político internacional.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Desde o período colonial, a Amazônia é considerada elemento importante na pauta da política externa nacional. No século XX, a região tornou-se definitivamente alvo de interesse universal, por sua relevância central para o futuro do planeta e para a construção de um horizonte de desenvolvimento global sustentável. Não há desenho do futuro no qual a Amazônia não ocupe um lugar de destaque. Por esse motivo, a região se destacou na agenda oficial da Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, como, por exemplo, a Rio+20, em 2012 e a Cúpula da Amazônia, em 2023, dentre outras (Bezerra, 2012).

Ao longo da história, o território amazônico tem sofrido intensa exploração econômica, gerando riqueza para agentes externos, como empresas privadas de capital externo ou nacional, negociadores de créditos de carbono, garimpeiros, madeireiros ilegais etc., ficando alijado dos benefícios dessa exploração. A região tem sido, de forma contínua, um espaço de extração predatória, onde suas riquezas são apropriadas em

benefício de outras regiões e povos. Mesmo nos últimos trinta anos, apesar dos vultosos investimentos em infraestrutura, tais iniciativas estiveram majoritariamente voltadas à facilitação da exploração de seus recursos naturais, atendendo, sobretudo, aos interesses da Federação, e não ao desenvolvimento sustentável da própria Amazônia (Loureiro, 2002).

Nesse escopo, o tema “Amazônia” marca presença nas pautas jornalísticas, dada sua mencionada importância. No entanto, na atualidade midiática, o enfrentamento das “fake news” e o constructo de narrativas em relação ao tema amazônico aparece, muitas vezes, romantizado, ou falseado, com o propósito de resguardar interesses escusos. Nesse contexto, ganha força um discurso acusatório que associa o efeito estufa - e o consequente aquecimento global - às queimadas na Amazônia, sob o argumento que esse fenômeno estaria elevando o nível do mar e ameaçando as terras baixas em escala global. Tal narrativa, ignora a diversidade de perspectivas científicas sobre o tema. Pesquisadores renomados, como Luiz Carlos Molion, da Universidade Federal de Alagoas, argumentam que não há comprovação definitiva de que as mudanças climáticas sejam resultado exclusivo da ação humana.

Os dados disponíveis sobre o assunto são frequentemente contraditórios, permitindo a formulação de hipóteses opostas: de um lado, a teoria do aquecimento global; de outro, a possibilidade de um resfriamento que poderia levar a uma nova era glacial. A hipótese de uma nova glaciação implicaria impactos desproporcionais para diferentes regiões do globo, desfavorecendo os países nórdicos, localizados próximos ao Polo, enquanto potencialmente beneficiaria nações situadas em latitudes equatoriais, como o Brasil. Nesse contexto, a narrativa predominante sobre as mudanças climáticas tende a enfatizar os riscos do aquecimento global, atribuindo-lhe um caráter alarmista e associando-o, frequentemente, ao desmatamento e às queimadas na Amazônia. Esse discurso, reforça a responsabilização da região amazônica pelo chamado "caos climático", sem, contudo, considerar de forma equilibrada outras variáveis e perspectivas científicas sobre a dinâmica climática global (Molion, 2009).

Corroborando Molion, o jornalista paraense Lúcio Flávio Pinto enfatiza a importância do comprometimento com a veracidade dos fatos em um texto jornalístico, bem como a necessidade de o profissional estar inserido no contexto que reporta, acompanhando os acontecimentos em tempo real e não apenas formulando interpretações

à distância, sem experiência *in loco*. Segundo ele, a Amazônia não é um território para amadores, pois sua complexidade exige esforço contínuo de análise e de interpretação, que não podem estar sustentadas em uma única fonte de informação. No entanto, compreender a região não se limita a uma visão local; é imprescindível considerar os movimentos internacionais, uma vez que a Amazônia desperta múltiplos interesses e se insere em disputas globais pelo controle de seus recursos (Pinto, 2022).

A cobertura jornalística da Amazônia tem sido historicamente influenciada por estereótipos e abordagens que oscilam entre a romantização da floresta e sua problematização enquanto espaço de conflitos ambientais, sociais e econômicos. Segundo Traquina (2005), os critérios de noticiabilidade determinam o que é considerado relevante pela imprensa e, no caso da Amazônia, temas como desmatamento, preservação ambiental e direitos dos povos originários são frequentemente priorizados. No entanto, o que se observa é uma multiplicidade de narrativas que refletem interesses distintos.

A grande imprensa internacional, por exemplo, frequentemente enquadra a Amazônia sob a perspectiva do colapso ambiental iminente, reforçando a ideia de uma região ameaçada que requer proteção global (Pinto, 2022). Por outro lado, a imprensa local e comunitária tende a enfatizar questões relacionadas à soberania, à justiça socioambiental e às dificuldades enfrentadas pelas populações que vivem no território amazônico. Assim, ocorre um embate entre dois discursos: os que colocam a Amazônia como patrimônio da Humanidade e os que a defendem como um espaço de decisão política estritamente nacional.

No mesmo sentido, a pesquisadora Liana Vidigal Rocha, ensina:

Os desafios de investigação na Amazônia estão além do meio ambiente, cuja devastação da floresta é amplamente divulgada. É preciso mostrar que existem outros desafios que fazem parte da realidade amazônica e que urge a serem repercutidos, como por exemplo a violência contra a mulher, a pandemia de covid-19 e a desinformação (Rocha in Jácome, *et al.* 2021, p.17-18).

No presente estudo, identificou-se algumas narrativas jornalísticas controversas em relação à Amazônia, propiciando a disseminação de desinformação ou de informações imprecisas sobre a região. Contudo, é inegável o reconhecimento de inúmeras matérias que contribuem para a adequada informação a respeito das violações praticadas em território amazônico, em consonância com a busca pela verdade dos fatos. A partir dessas notícias, é possível ter conhecimento das disputas territoriais da/na região, como por

exemplo, invasões de terras indígenas e de áreas de proteção ambiental, a violência praticada contra comunidades tradicionais e desmatamento ilegal.

No entanto, a mídia, ao tratar do tema de maneira superficial ou romantizada, sem o devido aprofundamento do tema, pouco ou nada contribui para a promoção de debates substanciais a respeito de políticas públicas que possam, efetivamente, trazer soluções aos problemas locais. Assim, em vez de fomentar reflexões críticas e proposições de soluções eficazes, essa superficialidade reforça narrativas simplistas, limitando a capacidade de ação estatal e social em relação aos problemas estruturais que afetam a Amazônia.

Com a confirmação de Belém como sede da Conferência das Partes (COP 30), diversas narrativas emergiram a respeito dos diversos impactos decorrentes do evento. Os principais meios de comunicação nacionais e internacionais destacaram a escolha da cidade como uma oportunidade para reforçar compromissos ambientais e impulsionar investimentos em infraestrutura sustentável. Entretanto, existe, também, preocupações quanto ao risco de "greenwashing"<sup>4</sup>, em que a retórica ecológica seria utilizada para ocultar interesses econômicos e políticos, que não necessariamente beneficiarão as populações locais (Acselrad, 2010).

A imprensa comunitária e ativista, por sua vez, tem dado ênfase às contradições dos preparativos para a COP 30, denunciando a possibilidade de remoção de populações vulneráveis para a construção de infraestrutura e alertando para a necessidade de garantir que o evento traga benefícios reais para a região. Essa perspectiva reforça a importância de um jornalismo ambiental que privilegie a opinião dos sujeitos amazônicos, dando oportunidade a grupos frequentemente marginalizados no debate global.

A realização da COP 30 em Belém além de colocar a Amazônia no centro da agenda climática mundial, e de expor as dinâmicas territoriais da região, oferece a oportunidade de debater problemas locais amazônicos em nível mundial. Além disso, há uma expectativa local de melhorias infraestruturais e desenvolvimento econômico para a capital paraense e seu entorno, com a vinda de investimentos estrangeiros após a realização do evento.

---

<sup>4</sup> Greenwashing, ou "lavagem verde", é uma estratégia de marketing enganosa que visa fazer com que uma empresa pareça mais sustentável do que realmente é.

Por outro lado, os desafios e críticas também são evidentes. A preocupação com a possível remoção de comunidades vulneráveis, a gentrificação<sup>5</sup> urbana e a efetiva participação dos povos tradicionais no evento são questões centrais. Além disso, há o risco de que a COP 30 se transforme em um evento de cunho simbólico, sem a assunção de compromissos oficiais que tenham por escopo a proteção da floresta e a melhoria das condições de vida da população amazônica. O papel da imprensa será fundamental para monitorar e dar visibilidade a essas dinâmicas, garantindo uma cobertura crítica e plural do evento.

Portanto, o papel da imprensa pode, e deve, ir além da simples cobertura factual do evento. Sua participação deve ser no sentido de garantir que o debate sobre a Amazônia seja amplo, plural e atento às complexidades territoriais da região. Para isso, a abordagem precisa ser crítica, e educativa - uma vez que a mídia tem o poder de influenciar a opinião pública e as decisões políticas - assegurando que os interesses dos povos tradicionais e a preservação ambiental sejam considerados nas decisões que afetarão a região no futuro.

## CONCLUSÕES

A Amazônia se caracteriza como um dos territórios mais complexos e disputados do planeta, onde discursos, interesses econômicos e preocupações ambientais se envolvem em complexas relações contraditórias. Ao longo da história, a região tem sido retratada sob diferentes enfoques: ora como paraíso inexplorado, ora como território ameaçado pela degradação ambiental e pela violência social. Essa diversidade de narrativas reflete tanto os anseios globais em relação à floresta quanto as dinâmicas sociais e políticas que marcam o cotidiano da população amazônica.

A realização da COP 30 em Belém evidencia a centralidade da Amazônia nas discussões sobre mudanças climáticas e sustentabilidade, proporcionando uma rara oportunidade de debate para que soluções aos desafios regionais sejam encontradas e implementadas. Ao mesmo tempo, o evento levanta preocupações quanto às legítimas intenções da agenda climática global, que pode servir de instrumento para justificar intervenções externas e implementação de políticas de "greenwashing", que não interessam para o bem-estar das comunidades locais. O desafio está em garantir que os

---

<sup>5</sup> Gentrificação é um processo de transformação de áreas urbanas que leva ao encarecimento do custo de vida e aprofunda a segregação socioespacial nas cidades. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/>

debates sejam conduzidos de maneira transparente e participativa, dando voz aos povos tradicionais e às populações amazônicas.

Neste cenário, a cobertura jornalística desempenha papel crucial, desde que se afaste da superficialidade e dos estereótipos, buscando uma abordagem mais crítica e fundamentada na realidade local. A imprensa, ao assumir um compromisso com a imparcialidade e com a pluralidade de vozes, pode contribuir significativamente ao debate público, promovendo um entendimento mais profundo das dinâmicas que moldam a região, a fim de influenciar decisões que impactem seu futuro.

Portanto, é essencial que a visão sobre a Amazônia transcenda o maniqueísmo entre preservação ambiental e exploração econômica e reconheça a complexidade dos desafios que a região enfrenta. Nesse sentido, uma cobertura jornalística isenta e comprometida com a realidade amazônica, contribuirá com a implementação de políticas públicas eficientes, capazes de proporcionar à floresta a sustentabilidade necessária e a sua gente um futuro mais justo.

## REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. **Ambientalização das lutas sociais**. Rio de Janeiro: Editora XYZ, 2010.

BEZERRA, J. **A Amazônia na Rio+20: as discussões sobre florestas na esfera internacional e seu papel na Rio+20**. Artigos • Cad. EBAPE.BR 10 (3). Set 2012.

COCUZZA, F. **A Mística da Amazônia**. São Paulo: Zohar, 1992.

JÁCOME, P. [et al.] **Narrativas midiáticas, experiências e pesquisas amazônicas**. Belo Horizonte, MG: PPGCOM/UFMG, 2021.

LOUREIRO, V. R. **Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re) construir**. Amazônia Brasileira. Estd.av.16(45). Ago. 2002. <https://www.scielo.br/>.

MOLION, L. C. B. **Mudanças climáticas e a influência dos oceanos**. São Paulo: XYZ Editora, 2009.

PINTO, L. F. **Amazônia: desafios e contradições**. Belém: Editora XYZ, 2022.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.